

Douglas Teixeira Monteiro: Os Errantes do Novo Século  
 VILÉM FLUSSER

Série Universidade 2, Livraria Duas Cidades.

A questão fundamental que este trabalho extremamente provocativo e atualíssimo coloca, sem jamais articulá-la expressamente, é esta: Existem critérios para distinguir entre um comportamento social, político e religioso aproximadamente racional, e a loucura coletiva? Ou, reformulando a questão: Tem sentido a afirmativa que uma dada sociedade está alienada da situação na qual se encontra mais que outra? Nas coordenadas da Guerra Santa no Contestado catarinense durante a Primeira Guerra: Quem é mais louco: os "irmãos" ou a República Brasileira, o "monge" João Maria ou o monge frei Rogério Neuhaus, Adeodato ou o Tenente Colonel Estillac Leal? Ou serão os dois lados igualmente racionais e/ou loucos? Creio que a colocação de tal questão distingue radicalmente o presente trabalho dos Sertões, já que para Euclides da Cunha o problema da "relatividade dos valores" não era visível conscientemente. E que entre Euclides da Cunha e Douglas Teixeira se estende um século de loucuras racionais, (por exemplo: fascismo), e de racionalidades loucas, (por exemplo: tecnocracia), o que torna a relatividade e permutabilidade de valores fenômeno quase palpável. A provocação e atualidade do trabalho sob análise não está no entanto na colocação do problema. Conforme disse: colocá-lo está na ordem do dia. O trabalho é inquietante porque sugere resposta positiva à questão: sim, existem critérios ~~extre~~ para distinguir entre comportamento racional coletivo e loucura coletiva. E à articulação de tal resposta que será dedicado o presente ensaio.

A técnica do autor é curiosa: não relata. Comenta, analisa, e julga o não-relatado. A breve cronologia dos acontecimentos nas páginas 269 até 276 parece ter sido um after-thought, ou tributo benevolente a ignorantes dos fatos como sou eu. Pois tal técnica resulta extremamente eficiente. Vejo, com meu olho mental, não apenas as duas Taquaraçus com grande plasticidade, mas, o que é ainda mais surpreendente, diálogo com figuras tão exóticas como o é a "virgem" Maria Rosa. É a técnica da *cire-perdue*, reminiscente de pintores como o é Bacon: permite vêr o fenômeno ausente ao desenhar com nitidez os contornos que este deixou na circunstância ao se ter ausentado. Já que se fala tanto em anti-memórias, anti-romance, em breve: em anti-cultura, porque não chamar o presente trabalho de anti-ensaio? E tal técnica tem o seguinte efeito: a Guerra Santa do Contestado passa a ser vista, não como evento na história do Brasil ou do começo do século 20, mas como buraco em torno do qual a história flui sem aparente modificação do seu curso, mas com várias de suas correntezas mais profundas moldadas pelos contornos do buraco ultrapassado. Mas que é "buraco na história", senão "époché" no sentido nusserliano? Pois é enquanto instância epocal que considerarei a Guerra Santa.

VILÉM FLUSSER

A Guerra Santa é epocal por procurar fazer incidir sobre o curso da História vários modelos "formais", e neste sentido "eternos". Vários modelos, muito mal sintetizados, mas pouco importa. O autor nos mostra três entre os modelos, (o messianismo judeo-cristão, o mito de Carlos Magno, e o monarquismo), mas suspeito que há outros modelos menos evidentes, (escatologias anti-quíssimas, modelos míticos africanos e indígenas e, muito provavelmente, uma certa dose de positivismo injetada pelo exército brasileiro). O que importa é que os "irmãos" conseguem emergir do fluxo da história, (sem dúvida impulsionados por sofrimento econômico, social e outro), conseguem inserir-se em modelos "formais", e falham na tentativa de re-inserir-se com seu modelo no fluxo. Pois tal tentativa falha, não por serem os modelos inadequados, mas por não serem suficientemente amplos. Os "irmãos" são loucos, não por ser louca a sua crença, mas por ser louca a tentativa de aplicar a crença. A sua ideologia não é mais ou menos alienada que a ideologia da República: é da mesma ordem. A diferença não está ao nível ideológico, mas ao nível do poder disponível. Uma diferença quantitativa, e não qualitativa. E eis o critério da distinção entre racionalidade e loucura, sugerido pelo ensaio: o quantificante. Não importa que ideologia é loucura até um determinado ponto em uma escala quantificadora, e passa a ser racional a partir de tal ponto sem ter que modificar-se. Loucura é questão de estatística, e dá um salto "qualitativo" quando passa de ideologia minoritária à da maioria.

Pois tudo isto é banalidade. Estamos fartos de saber disto, e para sabê-lo não precisamos analisar fenômenos como o é a Guerra do Contestado. Se Napoleão se toma por novo Carlos Magno, está sendo racional na França e louco na Alemanha. Se o "monge" José Maria se toma assim, está sendo racional no Contestado, e louco no Rio de Janeiro. E se eu me tomar por Carlos Magno, serei um caso típico de paranoia em toda parte. Mas tal banalidade não é o que o ensaio sob análise sugere. O critério quantitativo sugerido aí não é o da "Realpolitik" pura e simples: racional é o realizável. Não se trata da aplicabilidade, mas da amplitude do modelo. Com efeito: o ensaio inverte a tese da "Realpolitik", ~~da~~ a tese que política é a arte do possível. Afirma que não importa que modelo é aplicável, desde que suficientemente amplo. Que tudo é possível em política: todo realizável é racional portanto. Para ilustrar tal inversão terrificadora, darei um exemplo:

Os "irmãos" querem construir Jerusalém em Taquaraçu, e para tanto precisam destruir os cinco "centros do mundo", que são Lajes, Curitiba, Cancinhas, o Rio de Janeiro, e Roma. Isto é loucura. Khadafi quer construir Jerusalém em Jerusalém mesmo, e para isto precisa destruir os "centros do mundo" que são Washington, Moscou, Pequim e Roma. O modelo é praticamente o mesmo. E, em termos de "Realpolitik", a loucura é praticamente a mesma. Ambas as ideologias, a dos "irmãos" e a da "revolução islâmica", são igual-

VILÉM FLUSSER

mente fúteis, e igualmente utópicas, já que as forças que se opõem a elas são enormemente superiores a ambas. Com efeito: pode parecer, à primeira vista, que do ponto de vista "Realpolitik" os "irmãos" são mais racionais que Khadafi. Era mais fácil conquistar Lajes que conquistar Washington a partir de Benghazi. Mas o modelo khadafiano é muito mais amplo que o do Contestado. Abranjo, na sua visão, não apenas algumas dezenas de milhares de caboclos, mas centenas de milhões de "subdesenvolvidos". Não procura modelar apenas a vida no interior catarinense, mas a vida no Globo. Não se diga que a "transcendência" de Khadafi é maior que a de José Maria. É a mesma, já que o interior catarinense é o universo inteiro de José Maria. Nem se diga que Khadafi dispõe de um parâmetro de dados mais amplo que José Maria para construir seu modelo. Ambos dispõem de dados extremamente limitados. O modelo khadafiano é mais amplo em sua estrutura. Por isto pode não ser louco. A sua amplitude o torna realizável, portanto é racional.

Mas para captar o terror de tal distinção entre loucura e o racional em termos quantitativos, é preciso considerar mais um aspecto salientado pelo autor do ensaio. Euglas Teixeira insiste, com razão, conforme creio, na impossibilidade de distinguir radicalmente entre modelos religiosos e leigos. Mostra o parentesco estrutural entre o modelo do "catolicismo caboclo" e o modelo do marxismo. E poderia ter afirmado outro tanto com relação de não importa que outro modelo leigo, por exemplo o tecnocrata. Na terminologia minha, (que difere da do autor) diria que não importa que modelo, (religioso ou leigo), é a-histórica, portanto "transcendente", pelo simples fato de ser formal, isto é: modelo. Todo modelo pode, é claro, ser explicado historicamente, (e o autor o faz com relação ao modelo dos "irmãos", embora não o faça, a meu gosto, com suficiente clareza). Mas isto não impede a sua a-historicidade. E muitos modelos podem afirmar sua própria "historicidade", (o judeo-cristianismo e o marxismo são disto exemplos). Mas ao fazê-lo, transcendem sua própria historicidade. De modo que modelos d'vem ser comparados entre si não por critérios históricos, mas formais: devem ser explicados, não diacrônicamente, mas sincrônicamente.

E isto importa em dizer que a distinção de modelos não está na "realidade histórica", mas nas suas respectivas estruturas. Não se pode dizer que um modelo se adapta melhor à realidade que outro, e neste sentido é menos "alienado" que outro. O que se deve dizer<sup>é</sup> que alguns modelos, por serem mais amplos que outros, podem forçar a realidade de adaptar-se a eles mais que aos outros. E isto será o critério da sua racionalidade. E isto é terrível, porque leva a um idealismo extremo: não é o modelo que se adapta à realidade, mas é a realidade que se adapta ao modelo. E, com efeito, a resposta que Euglas Teixeira sugere à sua questão fundamental parece ser

VILÉM FLUSSER

esta: O comportamento social, político e religioso de um grupo dado é louco, se o seu modelo não fôr suficientemente amolo para impôr-se à realidade. Os "irmãos" eram loucos, porque sua Santa Religião, (tão boa ou má quanto não importa que outro), era menos universal que a religião, crença, ideologia dos seus opositores. A santa religião foi derrotada, não por terem sido fracos os "irmãos", mas por ter sido uma religião fraca.

A leitura do livro fez surgir, diante do nosso olhar, a seguinte cena: um rio amorfo e plástico dos acontecimentos históricos, e acima dele várias ideologias que se degladiam. Visão de um platonismo modificado. Em tal visão alguns modelos vitoriosos são vistos como forçam o rio a correr dentro de seus moldes, enquanto outros, menos fortes, (mas nem por isto menos adequados ao rio), são eliminados. Mas, obviamente, não para sempre. Porque o reino dos modelos é eterno. Tais modelos fracos são eliminados no sentido de postos entre parenteses para uso futuro. Em alguma montanha de topos uranikós a Santa Religião do Contestado está dormindo, (qual Barbarossa, e Carlos Magno, e São José Maria), e ressurgirá quando tiver adquirido uma aplicação mais abrangedora. É aí recomeçará a Guerra Santa e será vitoriosa.

Confesso que uma tal leitura, se feita nos anos 50, (ou mesmo 60) me teria parecido fantasiosa. Teria arquivado o livro. Porque naquela época estava convencido da dialéctica entre modelos e realidade. É verdade, teria eu dito então, que a realidade tende a adaptar-se aos modelos. Não é menos verdade, no entanto, (teria eu dito), que a realidade força os modelos a adaptarem-se a ela. De modo que o critério de distinção entre ideologia fantástica e modelo racional é dado pelo jogo dialéctico entre modelo e realidade. No seu contexto, (teria eu dito então), os "irmãos" eram loucos e a República relativamente racional, (embora muito relativamente). Mas não posso manter tal atitude atualmente. Não posso, porque observo em meu redor como a realidade se adapta a não importa que modelo, por fantástico que seja, desde que seja suficientemente amplo. Não posso, porque observo em meu redor que a Guerra Santa do Contestado efetivamente está retomando fôlego, (embora se chame atualmente "Guerra do Terceiro Mundo contra os Neo-Imperialistas e Revisionistas"), e que São José Maria, longe de ter sido louco, é um dos grandes precursores de um dos futuros possíveis. É racional admitir isto, e é por isto que a leitura do livro é tão inquietante.